



Anônimo do século XV. *Curial e Guelfa*. Primeira tradução para o português e notas: Ricardo da Costa. Revisão: Armando Alexandre dos Santos. Estudo introdutorio e edição de base: Antoni Ferrando. Foreword: Antonio Cortijo Ocaña. Santa Bárbara: Publications of *eHumanista*, 2011.

Renata Cardoso BELLEBONI-RODRIGUES¹

Ao tomar o livro *Curial e Guelfa* em mãos, tinha a clara certeza de como iniciar esta resenha. Tinha ciência de que teria que apresentá-lo, sistematicamente, seguindo as partes que o formam (as introduções e a própria tradução), assim como estava clara a necessidade de se falar da importância das traduções de textos de épocas mais distantes. Apenas uma dúvida se pronunciava: que conceitos historiográficos trabalhar aqui? Mas iniciei a leitura e me apercebi de que minhas preocupações e certezas foram vãs. Nada do que imaginara tinha sentido diante da leitura do livro.

Assim, por onde começar? Como me colocar de modo que nada que eu dissesse pudesse desmerecer apenas uma vírgula de todo o texto? Uma atividade acadêmica tornou-se uma prática historiadora desafiadora e, ao mesmo tempo, prazerosa. É esta mesma percepção que espero imprimir aos leitores da obra. Não se trata de um apanágio à obra ou ao seu tradutor, mas da mais clara declaração de admiração ao trabalho que tive em mãos.

Decisão tomada. Iniciarei a resenha desta novela de cavalaria por ela mesma, ou seja, o próprio texto, escrito por um anônimo do século XV, falará por si.

¹ Mestra e Doutora em História (UNICAMP). Profa. da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista (<http://www.fesb.br>).

Livro I. Proêmio: “Oh! Quão grande é o perigo, quantas são as solitudes e angústias daqueles que sofrem por amor! Pois, embora alguns amados pela Fortuna, depois de infinitos infortúnios, tenham chegado ao tão desejado porto, tantos são os que consideravelmente sofrem, que mal posso crer que, dentre mil desventurados, se encontre um que tenha conduzido sua causa a glorioso fim”.

É justamente o que o leitor encontrará nas páginas de *Curial e Guelfa*. Em um único e primeiro parágrafo, toda a história foi contada. É a história de um cavaleiro que sofre por amor. Mas, caro leitor, queres mesmo saber o tema específico do primeiro livro? Não o terás. Não um apenas, pois poderá comprazer-se com histórias de perdas, de amor, de desamores, de inveja, de ciúmes, histórias de falsas acusações, de honra, de amizade, de benevolência, de angústias, de hombridade, de fé, de esperança, de batalhas, de piedade, enfim, histórias repletas dos mais íntimos sentimentos humanos. Temas tão múltiplos, *a priori* divergentes, no corpo do livro, tão próximos, tão justapostos.

Mas a quem estão relacionados esses sentimentos e ações? A Curial, rapaz nascido em berço simples, que Fortuna tomou para proteção. Pobre, porém belo, “...tamanha beleza em seu rosto que a Natureza mais não podia lhe dar...”. Lutou para sair do mundo da ignorância, aprendeu Gramática, Lógica, Retórica, Filosofia. Tornou-se grande poeta, trovador, cantor, aprendeu as técnicas dos instrumentos musicais, da dança e do cavalgar. As competências que tornam um jovem nobre e honroso, ele possuía.

Tais graciosas e valorosas aptidões chamaram a atenção da mais bela mulher de Montferrat que se enamorou por ele. Guelfa, que nome caro ao seu coração e à sua vida. Todavia, o delicado amor, por vezes, se não quase sempre, atrai sentimentos vis. A inveja, de olhos ruins e voz disfarçada, é uma das primeiras a se impor. E assim ela se apresenta:

“– Senhor, antes que a minha língua profira algo, eu te peço e suplico que hajas por bem me ouvir com ouvidos pacíficos, e que as coisas que eu disser, mesmo que graves, não te movam de repente a fazer algo até que, deliberadamente e resguardada a tua honra, que te deve ser muito cara, possas agir. Nós, para a nossa desventura, pois rogávamos a Deus que tal não acontecesse, estivemos a serviço de Guelfa, tua irmã, a qual, por um tempo, enquanto lhe agradaram os conselhos, viveu assaz honestamente e conforme a tua honra,



tanto que nós estávamos muito alegres, pensando dar a ti, bom conde, tua honra”.

Palavras que preparam o caminho da armadilha. Cabe ao sábio reconhecê-la de longe e ao imprudente, cair em suas malhas. Curial é sempre colocado entre esses dois tipos de homens. E os sábios o amam.

Mas o cavaleiro não é tomado apenas pelo amor e sempre vítima da inveja. É possuidor da honra e da coragem de enfrentar batalhas perigosas, necessárias à construção e manutenção de sua fama.

Combates mortais com cavaleiros rudes, fortes, das mais variadas origens era seu destino. O cavaleiro Curial não só desferiu golpes, mas foi ferido. Ergueu-se, sempre, como se nada o abatesse. No íntimo, sabia o que o afligia, e não eram os adversários das batalhas. Tinha em mente a bela Guelfa, mas e ela?

“Será que se lembra de mim? Ah, Cupido, cujas armas carrego cravadas no meu coração! Eu frequentemente olho os céus, e no terço contemplo a tua mãe, a qual, com os luminosos raios de seu grande resplendor, costuma iluminar este tenebroso coração, prometendo-me esperança. Diz-me, se há algo certo para ti nas coisas vindouras: será que eu nunca mais verei aquela da qual sou escravo, e sem a qual eu menosprezaria e desconsideraria a senhoria de todo o mundo. Ai, como sou triste!”.

Mas será o amor o tema que recheará toda a obra? Tão simples fosse.

Livro II. Proêmio: “Em sua maior parte, este Livro Segundo pertence à cavalaria, que é praticada de diversas formas: ela é atribuída a Marte, o qual, segundo antiga opinião e poéticas ficções, foi o deus das batalhas. Esse Marte é um planeta quente, e lhe é atribuída uma virtude: a de expulsar tudo o que lhe incomoda. Marte, por sua própria natureza, causa as guerras, as batalhas, os escândalos, as falsidades, os furtos, as intrigas; importam-lhe a grandeza, o valor de ânimo, o empreender coisas terríveis nas batalhas; dá generosidade e virtude para suportar as feridas; dá temperança, força e agilidade corporal, além de liberalidade, mas, sobretudo, cavalaria”.

Pois bem, agora entramos no campo da cavalaria. Tal livro será bem mais simples em suas abordagens. Mero engano. Outra vez o leitor é colocado no seio de um turbilhão de sentimentos, de cenas cotidianas e dos cenários

próprios de um honrado cavaleiro. Soberba, despeito, mágoa, batalhas mais violentas, cavaleiros errantes e mesmo boas conversas femininas; desassossego, vingança, disputas por donzelas e por que não um momento de deleite masculino frente a mulheres tão magnificamente belas? Histórias de alianças e de lembranças dos heróis mitológicos, de provocações, de intervenção divina e mais um toque de inveja.

Essas serão as surpresas para este rapaz com agora vinte anos. Suas vitórias o tornaram um pouco soberbo. Marte é o culpado. Mas a temperança ainda o habitará, mesmo que tenha que ser lembrado dela. Guelfa não fica perdida em suas lembranças e nem poderia ficar. Porém, a bela Láquesis, ao querer ocupar um espaço no coração do jovem, deixou aquela um tanto ressentida: “– Dizei-lhe que quando decidiu ir até Láquesis, ele não pediu o meu conselho; assim, que não mo peça agora, e faça o que quiser, pois eu não me interesso por seus feitos”.

A vida continua, as artimanhas humanas cruzam seu caminho, amizades são concretizadas. Belezas comparadas. Vinganças elaboradas contra o jovem cavaleiro errante sempre vencedor. Em suas andanças, bem à sua frente, histórias de tão diferentes personagens são narradas, vivenciadas e terminadas. Seus pousos, nem sempre tão calmos ou, então, um tanto inusitados: um convento? O que causaria nos espíritos de senhoras recatadas a presença de um cavaleiro formoso? “Mas Jeannete disse: – Donzela, vós não deveis acariciar-nos, porque eu penso que, dessa vez, não conseguireis tirar o cavaleiro deste mosteiro e, se Deus vos conceder alguma vez a graça de recuperá-lo novamente, guardai-o bem e não o tragais novamente a um mosteiro de senhoras”.

Senhoras recatadas? Talvez esse não fosse o adjetivo mais adequado a mulheres que desejaram ardentemente o jovem. Mas a esta altura, ele já não caminhava apenas ao lado de outros cavaleiros fiéis às suas causas. Junto de si trazia Arta, a dama de companhia e de confiança de Guelfa. Sua presença atraiu olhares, causou ciúmes, admiração e inveja. Cavaleiros de estandartes oponentes lhe cobijaram. Desassossegada ela suplicou: “– Senhor” (referindo-se a Curial) – disse ela – “suplico-vos, por misericórdia, que me tireis daqui, e me coloqueis em qualquer lugar seguro”.

E não é que os deuses deram o ar da graça? Eles igualmente fazem parte dessa trajetória de Curial. Ou o cavaleiro é o protagonista de um roteiro elaborado por eles? Talvez por este motivo ele fora tão provocado e tão vítima da insana



inveja. De qualquer modo, com a proteção ou não dos sobrenaturais, suas frequentes e gloriosas vitórias certamente são resultados de sua força, de sua destreza, de suas técnicas. Suas armas feriam não apenas seus oponentes. O armamento do inimigo reluzia, lançava chamas ao serem tocados por sua espada:

“Curial feriu-o com a maior força que pôde e, redobrando os golpes, veríeis fragmentos de escudos caírem de cada lado e faíscas dos elmos feridos pelas espadas. Os cavaleiros moviam suas mãos rapidamente, e cada um se esforçava em dominar o outro... Os escudos estavam em tal estado que, se a batalha durasse mais um pouco, eles não poderiam mais ser aproveitados; as cotas, completamente rompidas, tinham perdido muitas malhas, e eles, já feridos e com algumas pequenas chagas, continuamente sangravam e perdiam as forças”.

E assim termina essa belíssima obra? Tão simples fosse.

Livro III. Proêmio: “Neste terceiro livro, como é feita menção às Musas, tu debes pressupor que os poetas imaginaram nove Musas na forma de nove senhoras ou donzelas, habitantes do Monte Parnaso e veneradas em Helicão, por eles chamadas Calíope, Clio, Euterpe, Tália, Melpômene, Polímnia, Erato, Terpsícore e Urânia”.

Assim outros personagens mitológicos ganham vida. Com eles, uma série de histórias não mais fantásticas do que aquelas de Curial, que agora deverás repensar sua soberba. No cenário deste último livro, a angústia, a inquietação, conselhos, conversas entre deuses (Juno, Netuno, Fortuna, Venus, Apolo) fazem o pano de fundo desta novela de cavalaria. Escravidão, amores e desamores, sentenças de morte, lascividade, combates entre grandes impérios e vitória do amor quase impossível completam as sequências.

Mas como já se disse, Curial precisa rever suas ações. Nestas horas um conselho é sempre bem-vindo, mesmo que nem sempre bem ouvido: “Deixa, portanto, Curial, esses pensamentos loucos, e expulsa-os de teu coração; acolhe as palavras de Deus, que só entram onde encontram boa acolhida”.

Singelas palavras, se não fosse o fato de que foram pronunciadas pela boca daquele que um dia foi um dos mais fervorosos oponentes de Curial em campo de batalha, mas que agora se entregara à vida sacerdotal.



Outras surpresas o esperavam. Em sonho, foi convidado pela musa Clio para um debate. Para quem era possuidor de todas as competências de um jovem nobre e valoroso, tal tarefa não seria de tal modo desafiadora. Porém, o debate incluía Aquiles, Heitor e Homero. Que situação: honrosa ou inquietante?

Mas não só de honras viveu nosso Curial. Quando pensou estar em vantagem diante das condições de outros cavaleiros, entregou-se à lascividade:

“Assim, se esqueceu completamente da disciplina militar e da vigília ao estudo e, em banquetes, convites e festas, vestidos e outras vaidades, bem como nos atos de Vênus, despendia completamente o seu tempo. A partir de então este era o seu estudo, o seu esporte, e também todo o seu bem. Enfim, pensava apenas nesses fastidiosos prazeres”

Diante destas práticas como se distanciar da soberba e ser aceito novamente por sua amada Guelfa? Era preciso recuperar os favores de Fortuna há tempo perdidos. Aquele que teve os mais sublimes sentimentos, das mais belas mulheres, precisava provar que apenas uma delas realmente lhe importava. E assim, escreveu uma canção: “Bem sei que o Amor é tão generoso que rapidamente pode me perdoar se falhei em muito amar”.

Caro leitor, o texto acima, repleto de adjetivos que tentam dar uma prévia do que encontrarás, não é capaz de evidenciar toda a beleza de *Curial e Guelfa* traduzido pelo professor Ricardo Costa (Universidade Federal do Espírito Santo).² Por ser uma obra poética, difícil e, ao mesmo tempo, desafiadora, os trechos selecionados e apresentados acima apenas deverão ser lidos como *petiscos*. Os temas apontados como formadores do enredo dessa novela de cavalaria são uma ínfima parte do que realmente podemos encontrar no texto. As sequências apresentadas não seguiram a ordem original. Não nos seria possível, em uma resenha de poucas páginas, dar conta da grandiosidade da obra.

² Professor do Departamento de Teoria da Arte e Música (DTAM) da UFES, do Programa de Doctorado Internacional a Distancia del Institut Superior d'Investigació Cooperativa IVITRA [ISIC-2012-022] *Transferencias Interculturales e Históricas en la Europa Medieval Mediterránea* (Universitat d'Alacant, UA) e dos mestrados de Artes e de Filosofia da UFES. *Acadèmic corresponent a l'estranger* da Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona. Site: www.ricardocosta.com. E-mail: ricardo@ricardocosta.com.

Por esses motivos, fico a imaginar o trabalho tão minucioso de tradução. E mais ainda o de pesquisa complementar para formar o corpo das notas de fim de texto. Inúmeras (580 ao todo). Necessárias. Lição de cultura. Quase que um livro à parte, porém inteiramente integrado ao conjunto. Não pode e não deve ser dispensado.

Um dado interessante a ser observado ao final dos escritos introdutórios de Antoni Ferrando (Universitat de València)³, Ricardo da Costa e Armando Alexandre dos Santos (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)⁴ é a presença de uma vasta bibliografia. É incomum vermos introduções ao modo de estudos, como resultado de pesquisas acerca do tema do livro. Fato que evidencia como a tradução de *Curial e Guelfa* não é uma simples tradução, mas a intenção de oferecer a um público-leitor – seja ele de medievalistas, de estudantes interessados em novelas de cavalaria ou mesmo a um público curioso sobre o medievo – todo um aparato para compreensão da obra, de seu possível autor (pois que é anônimo), de seu contexto, de suas particularidades e minudências. Para além dessa preocupação, não sei dizer se intencionalmente ou não, os autores destes textos, seguindo o estilo da obra, escreveram com tom poético. Cabe dizer que a obra assim inspira.

Concordamos, a princípio, com duas assertivas de Antoni Ferrando: realmente *Curial e Guelfa* é uma “verdadeira joia da literatura europeia tardo-medieval e, particularmente, da narrativa catalã...” e, apresenta “...uma notável elegância estilística”. Obra com características próprias de sua categoria (novela de cavalaria), acrescida de uma erudição extraordinária, que nos evidencia um contexto específico surgido no século XV. A respeito desse período, Ricardo Costa faz uma provocação: “o que foi o século XV? Deixarei esse dilema ao leitor desta introdução”. Realmente, trata-se de uma resposta complicada. Armando Alexandre dos Santos foi cauteloso: é um período de transição.

Como historiadora, creio que todos os períodos acabam, de um modo ou de outro, sendo de transição. No entanto, alguns deles nos colocam em xeque: a Antiguidade Tardia, por exemplo, é apenas um momento de fim das características romanas ou também de assimilação de características germânicas? Esse hibridismo cultural, se assim pensado, resulta numa cultura à parte? O pós-guerras é um período de fim de certezas ou o início das

³ Site: <http://www.uv.es>.

⁴ Site: <http://www.ihgb.org.br>.

principais incertezas que ainda nos cercam? Embora essa última pergunta possa ser evidente demais, pois se o fim das certezas é o início das incertezas, a pesquisa histórica nos mostra que os limites não são tão claros assim. O século XV, para retornar ao nosso contexto do século XV, tem como marca elementos da Idade Média Tardia associados àqueles da Idade Moderna? Vejamos o que nos escreveu Santos: “Como toda fase de transição, o século XV tem elementos das duas fases entre as quais se situa e, visto de uma, parece-se com a outra. É como o cinza, que ao lado do branco parece preto, e ao lado do preto parece branco. Os fatores de continuidade em relação ao mundo medieval veem-se melhor se os analisarmos desde o ponto de vista moderno, enquanto que os elementos de ruptura são mais bem discerníveis se olhados a partir da ótica medieval”. Definição que igualmente nos provoca. É melhor começarmos a entender o que é o cinza, em todas as suas escalas.

Como se não bastassem essas quase afrontas, típicas da ação historiadora que pretende nos levar a reflexões e não a fatos dados, Antoni Ferrando nos coloca frente a alguns problemas da pesquisa sobre a *Curial e Guelfa*. O que um livro de um período de transição, de um autor anônimo, tem a nos dizer de si próprio? O que um livro tem a nos informar, uma vez que está repleto de dados que podemos localizar não só em obras de períodos mais antigos e mesmo contemporâneos, mas igualmente, referentes a várias regiões europeias (portanto, problemas de origem)?

Entendamos melhor o que acabo de expor. Ferrando levanta alguns itens para apreciação. Dentre eles, a questão da autoria da obra. Quem seria seu autor? Ou o que podemos *deduzir* sobre ele? Que seria um catalão (?) que teria uma formação literária em Barcelona ou na Catalunha Oriental e mesmo na Itália. Percepções resultantes da análise da vasta erudição presente em *Curial e Guelfa*. Seja o(s) lugar(es) qual(is) for(em), estadias do autor no estrangeiro são elementos convergentes entre os vários estudiosos que analisaram o texto. De qualquer modo, mesmo com divergências de opiniões,

“O autor seria um homem de cerca de cinquenta anos, com um excelente domínio do catalão e do italiano, plenamente integrado na cultura italiana, bom leitor da literatura de cavalaria catalã e francesa, conhecedor do latim e aficionado filólogo, capaz de entender o castelhano,... há sólidas razões para crer que o autor de *Curial* pode ter sido uma pessoa próxima ou vinculada à corte napolitana do Magnânimo, de língua catalã, provavelmente de origem valenciana, residente quase toda a vida na Itália e bom

conhecedor do mundo político, eclesiástico e cultural desta região...”.

Bem, tomando a questão da origem do autor como ponto de reflexão a partir da erudição encontrada no texto, o que podemos dizer sobre essa erudição? Ferrando, mais uma vez aponta a complexidade da obra: ela foi entendida como de origem catalã, aragonesa e castelhana e mesmo italiana. A variedade lexical permite essas visões. Seja como for, é clara a influência da literatura latina, romana, francesa, occitana, etc. na escrita de *Curial e Guelfa*. Obras de autores como Dante, Boccaccio, e referências às fontes como a *Vida* do trovador Raimbaut de Vaqueras, Lancelot e Tristão, apenas como exemplos parciais, podem ser verificadas nessa novela de cavalaria.

“O deleite do autor de *Curial* em integrar certos recursos morfológicos, sintáticos e léxicos de outras línguas ao catalão parece mais corresponder a uma atitude consciente e deliberada do que a interferências ambientais... o autor as recriou mais do que as traduziu”.

Por tudo o que foi dito até agora, *Curial e Guelfa* tem uma singularidade literária. Para além dos elementos estilísticos, ainda podemos falar do caráter histórico, ou da história presente na obra (mesmo que com alguns erros cronológicos). Há uma verossimilhança de um ambiente histórico concreto, assim como referências a atores históricos contemporâneos ao autor. Além disso, pareceu a Ferrando que o escritor anônimo “mostrou uma decidida opção pela causa aragonesa...”.

E o trabalho de tradução? Pareceu-me fácil. Talvez o professor Ricardo Costa não concorde com esta minha opinião, afinal colocou-se: “Se eu consegui polir esse diamante da cultura catalã à altura da língua de Camões só você, leitor, poderá dizer”. Insegurança? Resguardo? Tenho a dizer ao tradutor de *Curial e Guelfa* que se tranquilize. Ele pretendeu, conforme afirmou, que a tradução dimanasse com a mesma naturalidade do texto traduzido. Pois bem, a naturalidade está aqui. E não poderia ser diferente. Para tal tarefa se cerceou de uma vasta documentação e do apoio de estudiosos da área e do documento. As características que ele afirmou ter a obra em sua língua original, ou seja, polidez e refinamento, foram mantidas na tradução.

É interessante destacar que Costa, ainda em seu texto introdutório, levanta questionamentos sobre o contexto apresentado no livro. Um deles diz



respeito à *natureza feminina* elevada à condição de *fio condutor das ações masculinas*. Assim, poderíamos sugerir uma pesquisa pautada no estudo de gênero? Talvez. Pareceu-me uma possibilidade.

O *gesto social* de tradução foi feito. E se a preocupação do tradutor era a de “ter conseguido nada, só uma tênue esperança: a concretização do próprio ato de traduzir, de pensar o passado com as palavras que foram pensadas naquele tempo histórico”, as Musas o escutaram. Desse modo, só posso estar de acordo com Armando Santos quando este afirma: “...o tradutor foi muito feliz no seu escopo de reproduzir, para o público atual que fala nossa língua, a “última flor do Lácio, inculta e bela”, o estilo e o espírito de uma obra praticamente desconhecida no Brasil”.

Inúmeras outras informações importantíssimas podem ser observadas nos textos introdutórios. Não poderia esgotá-las aqui. Tenho a afirmar a quase obrigatoriedade da leitura, por parte dos medievalistas, dessa obra agora traduzida para o português. Ao público mais amplo, e não menos conhecedor, a leitura é indicada não apenas para estudo de uma temática específica, mas para adquirir uma cultura geral.

Caro leitor, enfim, só posso terminar esta apresentação de *Curial e Guelfa* asseverando que as passagens são/estão vivas, a narratividade nos permite comportar como *voyeurs*, pois aquele mundo passa a ser o nosso.